2.° Anno | Lisboa, 25 de Janeiro de 1886 | Numero 28

# A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

## SUMMARIO



UMA PAIZAGEM DO BUSSACO

# CHRONICA

Dizia-se á bocca cheia que *elle*, o lendario marquez das aventuras grotescas, não cahiria nunca. *Braccara Augusta*, a patria do José Borges e o berço de tantos varões santissimos, era o seu baluarte inexpugnavel. Fizera ali pé de castello, e todas as forças humanas combinadas não dariam uma resultante capaz de quebrar-lhe o pedestal governativo.

No dizer de muitos, o nobre marquez estava preso pelo cordão umbilical ao sr. ministro do reino. E a proposito d'essa ligação mysteriosa, segredavam-se ahi umas *blagues* desopilantes, faziam-se, nos conciliabulos patuscos da Havaneza, umas allusões picarescas á moralidade do governo.

—Mas porque não cahirá *elle*? perguntavam. E as risadinhas vibrantes da malidicencia indigena respondiam á interrogação velhaca dos curiosos, como reticencias postas sob a narrativa discreta d'um terno idyllio d'amor.

No entanto, o marquez conservava-se no seu posto, audaz e firme, com a firmeza que dá a consciencia da impunidade, com a audacia que se inspira d'uma portaria laudatoria. O cordão umbilical não se quebrava,—a despeito de todas os puxões dados pelos bracarenses revoltos,—desaggregando o governo do seu famoso governador. O nobre marquez collaca-se; e emquanto a populaça de Braga, ameaçadora e feroz na sua indignação provinciana, entoava pelas ruas a *Maria da Fonte*, elle, o heroe, fazia-lhe *pied de nez* á socapa, cantando muito socegadamente os *lindos amores*.

Afinal—oh! instabilidade das coisas mundanas!—não aprouve ao destino que aquelle glorioso consulado fosse além d'este triste inverno lamacento. A suspirada e dose primavera não podia affagar com os seus castos sorrisos virginaes aquelle quadro d'um governador civil d'Offembach dando-se em espectaculo ás turbas irrequietas do Norte.

Era preciso, quando as borboletas se agitassem no fundo das suas chrysalidas, ouvindo o cantico da ressureição primaveral, que o inclito bailio de Malta estivesse apeiado do seu throno. Abril feiticeiro envergonhar-se-ia de o fitar, e as andorinhas amorosas teriam pejo de ir matrimoniar-se para os beiraes do seu telhado.

Afinal, o bailio cahiu, estatelou-se. Com o seu trambolhão ruidoso na lama das ruas, ficou salva a moralidade do governo; com o baque do seu corpo enfermisso nas sujidades do monturo, destruio-se de vez a lenda que levantara suspeições sobre o decoro do sr. ministro do reino.

*Hossana* nas alturas!

Ha trinta e seis maneiras differentes de cahir.

Cahe-se como Lucifer, do alto do Ceu, com um grande arruido d'azas partidas e de tempestades revoltas.

Cahe-se, como uma estatua, n'um unico movimento, rapido e magestoso.

Cahe-se, como os desesperados, de punho cerrado e ameaças coruscantes nos labios.

Cahe-se para a frente, girando sobre os calcanhares, como um soldado ferido em pleno peito, no ardor da refrega.

Cahe-se, tambem, como um *clown* de circo, sobre o sitio onde as costas mudam de nome, fazendo visagens e tregeitos.

Foi d'este modo que o marquez cahiu, e parece-nos que não terá, a suavisar-lhe as dores da queda, a esperança risonha e dôce d'um conchegosinho no Tribunal de Contas.

E' difficil, no meio quasi vasio d'escrupulos em que vivemos, alijar para o pelago das inutilidades asquerosas estes cancros sociaes que, sob a fórma humana, vão contaminando tudo onde chega o seu virus peçonhento.

Tolera-se-lhes o contacto pervertedor e damninho, com receio de que as pustulas nojentas suppurem mais, ao longe, e se desatem em torrentes caudalosas de immundicie.

Parece haver medo de que estes abortos esqualidos e repugnantes sejam capazes d'uma vindicta tremenda. Dir-se-hia que a honestidade dos governos carece, para se pôr bem em evidencia, de collocar junto a si estes leprosos tolerados, ou que, reputando-se muito fragil e problematica, receia correr o risco de que elles a quebrem cuidadosamente á face do paiz boquiaberto.

Seja pelo que fôr, os casos de protecção governativa aos tortulhos d'aquella indecorosa laia, contam-se ás centenas. Por via de regra, os poderes publicos não exigem dos seus tutelados nem folha corrida nem certidões de boa moralidade; requerem apenas que os não descomponham, e são capazes de dar a camisa do corpo em frente d'uma ameaça truanesca.

Fructa do tempo!

E' assim que os marquezes ridiculos medram. E' assim que as instituições podem ir pouco a pouco amesquinhando-se.

Foi precisa a agitação de Braga, para evidenciar a toda a luz os perigos resultantes de tamanha condescendencia peccaminosa e de tantos receios injustificados.

O marquez cahiu, alfim. Que a terra lhe seja leve.

A'parte os effeitos beneficos da *Maria da Fonte*, trauteada pelos bracarenses indignados, está-nos parecendo que toda aquella azafama de *meetings* e de manifestações podia já ter tido o seu termo. A devota cidade minhota, trocando o breviario e os cilicios pelo facho da revolta, foi mais longe, talvez, do que devia ir, e os seus instinctos revolucionarios, manifestados á ultima hora, contagiaram a opposição pacata e ordeira da Camara popular.

Não foi debalde que eu te disse ha oito dias:—«entra-se ali sem gravata, como nas aléas da Avenida.» Preadivinhava já os successos desenrolados no seio da representação nacional. Tinha o presentimento funesto de que a indignação dos senhores minhotos havia de subir á cabeça dos senhores deputados. E subiu.

O chefe do partido progressista, ardendo em santo zelo de ser agradavel aos desannexados de Guimarães, perguntou se o governo approvava o projecto de desannexação proposto. O presidente da Camara, invocando o regimento, fez emmudecer o sr. José Luciano, e as opposições colligadas desataram-se em improperios á presidencia e em murros ás carteiras, como protesto da intimação de silencio recebida.

Não nos é dado affirmar que os improperios houvessem quebrado uma costella ao sr. Silveira da Motta, mas podemos jurar, sobre umas *Horas*, que os murros desfizeram algumas duzias de carteiras.

Se os tumultos de Braga não terminam, e se a rhetorica dos senhores deputados, por elles inspirada, continúa a ser d'este modo dispendiosa, nós pedimos, desde já, que se crie uma verba especial no orçamento, para occorrer aos gastos feitos com o concerto da fragil mobilia parlamentar.

E afóra estes acontecimentos, que a politica da nossa boa terra nos servio, á laia de *hors d'oeuvre*, nos primeiros dias da semana, inquetando-nos com a perspectiva tenebrosa de duelos sangrentos e crises ministeriaes laboriosissimas, pouco mais houve.

Se houve, contar-t'o-hei para a outra vez.

CASIMIRO DANTAS.

# TRAGEDIA INFANTIL

II

### ELLE

Elle, o rapaz, tem tres annos:
Não ha nada mais gracioso
Do que os seus gestos ufanos
E o seu andar orgulhoso,

Quando vae com a irmãsinha,
Como quem leva uma flor;
Ella—a timida andorinha,
Elle—o forte, o protector.

Ella encosta-se ao irmão
Com languidez e candura;
Ao vêl-os, julgo que são
Dois noivos em miniatura.

A intrepidez do seu busto
Tem as frescuras do linho;
Alegre, loiro, robusto,
Como um pequeno leãosinho.

Não deixa parar em casa
Nada quieto em torno a si;
O seu riso é como a aza
Ardente d'um colibri.

E' o *vir*, o trabalhador,
Que ora destroe, ora cria,
Feito de força e de amor,
De crueldade e harmonia.

Persegue as lesmas viscosas
Que dormem dentro das cellas;
Despega as folhas das rosas,
E faz navios com ellas.

Detesta officios tranquillos,
Ama o clangor das trombetas:
E' o Atila dos grilos,
O Nemrod das borboletas.

Se acaso no tanque observa
A boiar, oh maravilha!
Um pau, um trapo, uma erva,
Emfim—um mundo, uma ilha.

Vae logo, bravo almirante,
A' conquista do inimigo
Com uma frota brilhante,
Feita d'um jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos
Um magnifico rebanho
E um grande exercito, feitos
De meio arratel de estanho.

A's vezes fórma em batalha
O seu exercito inteiro:
Rompe o clarim e a metralha
D'um krup de sabugueiro.

As fortalezas modernas
Cáem ali aos pedaços;
Ficam ginetes sem pernas
E granadeiros sem braços.

E á luz da batalha ardente
Elle, o heroe imperturbavel,
Galopa soberbamente
N'uma vassoira indomavel!

Depois, já farto da guerra,
Despe a farda de soldado,
E rasga os seios da terra
Dentro d'um palmo quadrado.

(*Continúa*). GUERRA JUNQUEIRO.

# HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

### O FIM DA RETIRADA

**A marcha entre Molodestchin e Wilna foi o ultimo desastre para a legião portugueza, porque os 150 homens, que se tinham congregado em torno de Gomes Freire, não haviam podido** conservar-se reunidos, em virtude de furibundos ataques dos cossacos, que foram repellidos, mas que cortaram n'uns poucos de troços essa pequena columna.

A miseria e os desastres do exercito francez parecia que tinham chegado ao seu auge, mas não succedeu assim, porque os ultimos dias da retirada foram mais terriveis do que todos os outros.

Em primeiro logar, o frio, longe de diminuir, augmentava cada vez mais, porque deve saber-se que o inverno n'esse anno foi excessivamente precoce, de forma que, ao cabo de tantos tormentos, entravam os infelizes Francezes e os nossos pobres Portuguezes na Lithuania na primeira quinzena de dezembro, quer dizer no maior rigor do inverno.

Em segundo logar foi em Smorghoni que Napoleão se decidiu a abandonar o exercito e a seguir, a marchas forçadas, para Paris, na sua carruagem. Essa resolução foi muito mal vista, e, apezar de toda a sua popularidade no exercito, não poupou Napoleão ás mais acres censuras, e aos mais terriveis improperios. E, comtudo, Napoleão não podia proceder de outro modo. O que succederia em Paris, se lá chegasse antes d'elle a noticia dos terriveis desastres? A perda da França era segurissima. Não era só a perda do exercito, era um cataclysmo nacional. A França não perderia muito mais do que perdeu em 1814, mas não teria prolongado a sua resistencia durante dois annos, e não teria accrescentado uma pagina brilhante á sua epopéa.

Mas essas coisas não as comprehendia o soldado, e n'essa occasião não as comprehendia sequer o mais illustrado dos officiaes. Não se via senão o abandono em que Napoleão deixara o exercito, e o erro enorme que sobretudo commettera, e esse bem real e bem verdadeiro, deixando o commando em chefe ao rei de Napoles, Murat, que nada tinha que o recommendasse para esse cargo senão a sua alta posição, que os seus antigos camaradas não tomavam muito a serio, e a sua bravura individual, que era incontestavel, mas que se nos manifestava nos campos de batalha mais do que nas retiradas desastrosas, e, sobretudo, que não suppria a falta de authoridade, de prestigio, de energia e de talentos militares.

O erro foi tanto maior quanto o nome do substituto de Napoleão estava naturalmente indicado, e andava em todas as bocas—era o do marechel Ney, cuja constancia inabalavel, cuja bravura sobre-humana tinham por mais de uma vez salvado o exercito durante essa infausta retirada.

O effeito da noticia foi o mais desastroso que pode imaginar-se; quebrou os ultimos laços da disciplina, que ainda mantinham um resto de cohesão nos desgraçados restos do exercito francez. A marcha de Smorghoni para Wilna foi um chaos, não obedecendo já os homens, ainda armados e organisados, aos seus officiaes. Se os generaes russos tivessem desenvolvido mais alguma actividade, nem um só soldado francez teria passado de novo o Niemen.

As scenas que então se passaram foram verdadeiramente horrorosas. Como as estradas de Smorghoni e Wilna tinham muitos declives que o gelo tornava escorregadios, as quedas eram amiudadas. Soldado que caia era homem perdido. Logo os camaradas, em vez de o ajudarem a levantar-se, tratavam de o roubar. Um tirava-lhe os sapatos, outro o capote, outro alguns viveres que elle levava comsigo. E, se o desgraçado procurava agarrar-se a algum camarada, era logo morto por uma bayonetada, porque cada um cuidava sobretudo em não ser arrastado na queda.

O instincto da salvação tornava os homens ferocissimos. Já não esperavam que algum caisse. Apenas suspeitavam que um soldado tinha viveres comsigo faziam-n'o cair, roubavam-n'o e quasi sempre o matavam.

Eram estas as scenas que se passavam entre companheiros de armas e de gloria, que dois mezes antes arriscariam sem hesitar a existencia para se salvarem uns aos outros.

Em Joupranani os soldados, geladissimos, querendo aquecer-se, deitaram fogo ás choupanas, sem se importarem com alguns camaradas seus, que, havendo-os precedido, tinham procurado abrigo n'essas mesmas choupanas e lá morreram queimados. De tão terrivel sorte, escaparam muito a custo o tenente portuguez Neves Franco e o alferes José Venancio, que ainda conseguiram sair, meio asphyxiados, de uma choupana em que estavam.

Wilna foi para todos estes desgraçados uma paragem no seu caminho de dôr e de martyrio. Encontrava-se alguma coisa de comer, por preços fabulosos, mas a isso é que ninguem olhava. Alli se reuniram alguns officiaes, officiaes inferiores e soldados portuguezes, e a alguns d'elles deu o marquez de Loulé um lauto jantar. A desgraça nivellára todas as situações, e o coronel marquez de Loulé e o sargento Theotonio Banha comeram á mesma meza, como dois bons camaradas, saboreando com delicia esses manjares, que, por mais rudes e grosseiros que fossem, deviam parecer ambrosia áquelles famintos, áquelles agonisantes.

**Esse prazer pagaram-n'o outros bem caro. Nas ruas de Wilna não se viam senão soldados estirados, a dormir, replectos de comida e de aguardente. Não havia considerações, ordens, conselhos, nem violencias que os fizessem levantar. Alli ficaram, e alli os surprehenderam ou as agonias da morte ou os cossacos.**

**O mesmo, pouco mais ou menos, succedeu em Kowno. Ahi estavam, na praça, arrombadas mais de cem pipas, e ao lado estendidos centos de soldados. Caiu a noite frigidissima. E lá fica-**

ram todos sepultados sob a neve, tendo passado ao menos, sem transição, do somno da embriaguez para o somno da morte.

Uma das scenas mais extraordinarias d'aquelle extrordinario desastre foi a que se passou a pouca distancia de Wilna, e a que assistiram o marquez de Loulé, o cirurgião-mór Fernando Rufino e o sargento Theotonio Banha, que n'um trenó, puxado por cavallos bem ferrados, tinham saido de Wilna bem conchegados com o excellente jantar que tinham tido. A scena foi a seguinte:

A pequena distancia de Wilna levanta-se a montanha de Vaka, não muito elevada, nem de declive demasiadamente ingreme, mas que o gêlo tornara extraordinariamente escorregadia. As equipagens de Napoleão, em que ia o cofre do exercito, debalde procuraram subir a encosta. Por mais esforços que fizessem para fazer subir os cavallos, nada conseguiram os conductores. E entretanto, apinhavam-se em torno dos carros os soldados fugitivos, e já ao longe se sentia o troar do canhão russo. Quando os conductores das equipagens viram que o marechal Ney, que cobria a retirada, já retirava tambem, perderam a cabeça, cessaram de fazer esforços para que as equipagens seguissem para cima, e arrombaram as caixas para distribuirem o dinheiro pelos soldados. Eram seis milhões de francos, mil e oitenta contos de réis. Então a cubiça dominou todos os outros sentimentos. Os fugitivos arrojaram-se com tal avidez a essa preza inesperada, que nem deram pela approximação dos cossacos. Mas o mais curioso é que os cossacos, vendo os inimigos assim occupados, esqueceram-se de tudo tambem, para acudirem ao saque, e via-se então o espectaculo estranho e unico dos inimigos fraternisarem na communidade do roubo. Os russos e os francezes associavam-se para roubarem a caixa militar franceza.

Eis o Niemen! As suas aguas annunciam para esses desgraçados o fim da sua longa e horrorosa odysséa! Acham-se em terra amiga, onde todos sympathisam com os seus infortunios e onde o Russo é considerado como inimigo tradicional.

A perseguição, é claro, não cessou, mas tornou-se muito mais cautellosa, e a fuga dos Francezes foi-se a pouco e pouco transformando em retirada.

Os nossos portuguezas consideravam como outros tantos prazeres requintados os actos mais simples da vida civilisada. Quando, em Gombinnem, Theotonio Banha entrou n'um *restaurant*, jantou excellentemente e pagou apenas uma somma equivalente a oito tostões, ficou litteralmente assombrado.

Depois, o encontro dos camaradas e amigos. Passava-se pela rua, ouvia-se de repente uma voz portugueza. Era um amigo, um patricio, que chamava da janella, e que se julgava morto ou prisioneiro. Que alegria immensa! que abraços! que longas narrativas dos trabalhos que tinham padecido uns e outros!

Depois vinha a delicia do banho, o prazer de vestir roupa nova e lavada, de queimar os andrajos immundos que tinham feito a retirada.

Em Konigsberg encontraram Gomes Freire e o marquez de Alorna, mas este ultimo moribundo. E ali morreu, e seu sobrinho, D. José Tancos, logo depois n'uma outra cidade, porque os trabalhos e os tormentos da retirada da Russia ainda faziam victimas depois de terem terminado.

Depois começaram a contar-se os portuguezes e triste conta foi essa. Cinco mil homens tinham entrado na Russia, pouco mais ou menos. Não voltaram mais de cem! Muitos outros regressaram depois a Portugal, mas vindos do fundo da Siberia, como o valente brigadeiro Pego, e outros.

Do regimento de cavallaria, que é aquelle de que mais circumstanciadas noticias temos pelo interessante opusculo de Banha, que n'esse corpo era sargento, responderam á chamada dez officiaes: o coronel marquez de Loulé, os capitães José Garcez Pinto de Madureira eVicente Fallé,os tenentes Candido José de Faria, Antonio Caetano, F. Eliote, o quartel-mestre Antonio Felix dos Reis, o alferes José Caetano de Paiva, o cirurgião-mór Fernando Rufino, e o ajudante Nuno Jayme.

O resto da retirada até Francfort sobre o Meno, onde os nossos fizeram alto, foi uma delicia. Ao passarem em Dantsick viram o Baltico gelado,e sobre elle muitos patinadores. Ao lembrarem-se do que tinham padecido com esse mesmo gelo que servia ali de divertimento, sentiram todos um calafrio. E' que lhes passavam, por diante dos olhos, como sinistras visões, o Berezina meio. gelado, a montanha de Vaka, impossivel de subir pelo gelo que lhe cobria os declives, e essas tristes, lugubres e gelidas paisagens da Russia, onde se desenrolava o drama terrivel da retirada.

Em Francfort sobre o Meno teve o historiador da Legião, Theotonio Banha, uma grande alegria. Foi promovido a alferes.

As vagas não faltavam.

PINHEIRO CHAGAS.

# AO COMEÇAR DO INVERNO

Como é tristonho o começar do inverno!
Que indeffinivel magua nos lacera
Ao ver prostradas no dormir eterno
As florinhas gentis da primavera!...
Como é tristonho o começar do inverno!

Camelias, reflori! Brotai, violetas!
Que ao menos vosso amor falle e conforte
Ao desolado coração dos poetas.
Filhas do gêlo, ó vós! filhas da morte,
Camelias, reflori! brotai, violetas!

Desfaz-se a natureza em pranto immenso,
Desprendem-se do céo nuvens inteiras
E cada vez o céo chora mais denso!
Rugem caudaes nas tumidas ribeiras,
Desfaz-se a natureza em pranto immenso!

As arvores despidas, tiritando,
Estendem para cima os membros lassos,
As lagrimas de cima distillando.
E a neve pousará nos frouxos braços
Das arvores despidas, tiritando...

Nem o rasto sequer d'uma andorinha!
Nem uma só visão de primavera!
Tomba no solo a ultima florinha,
E além, do espaço na amplidão severa,
Nem o rasto sequer d'uma andorinha!

O sol perdeu-se por detraz do monte.
Teimoso o inverno, em seu poder tyranno,
Abriu-lhe a taça rubra do horisonte
E lentamente o despejou no oceano...
E o sol perdeu-se por detraz do monte!

Como é tristonho o começar do inverno!...
Como isto lembra a dolorosa edade
Em que desmaiam no dormir eterno
As florinhas gentis da mocidade!
Como é tristonho o começar do inverno!...

JOAQUIM LIMA.

# OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 27)

III

## A doença do Conde

Quando Elisa chegou ao palacio de seu pae ia lá grande azafama.

O conde de Sendim tivera outra syncope, e estava de novo sem sentidos, inerme, deitado no leito, com o rosto coberto d'essa pallidez de cera, que succede immediatamente á morte, os braços hirtos, cahidos ao comprido do corpo, as mãos amarelladas com as unhas rochas, sem dar accordo de si na immobilidade sinistra d'um cadaver.

Os dois medicos, que tinham acompanhado o conde a casa, quando no gremio lhe dera a primeira syncope, esgotavam em vão todos os meios therapeuticos para o fazerem voltar a si.

Os criados andavam todos aterrados, atarefados, para fóra e para dentro, alvoroçados pelo estado em que viam o seu amo, sem saberem o que fazer, onde buscar os cobertores, as flanellas, que os medicos exigiam de momento a momento, correndo apressados todos os cantos da casa, á procura do que lhe pediam, andando n'um corropio de casa para a botica e da botica para casa, a trazerem os medicamentos variadissimos, com que os medicos tentavam combater a syncope do conde.

Mas a syncope prolongava-se, zombando de todos os fortes reactivos com que a atacavam, e descorçoando os medicos, que tinham já quasi esgotados todos os recursos supremos da sua sciencia.

A agua a ferver, as injecções de morphina, as velhas ventosas sarjadas tinham sido applicadas já sem resultado algum.

Um dos medicos estava completamente desanimado.

—Está morto, não ha nada a fazer, disse elle, cheio de desalento.

—Talvez não, tentemos ainda o choque electrico. Vou mandar buscar a casa o meu apparelho Negretti.

E escreveu á pressa um bilhete, que deu a um dos creados, ordenando-lhe que fosse a correr a sua casa, a buscar o que ali se pedia.

—Vá depressa, disse-lhe, depende d'isso o vida de seu amo.

O creado sahiu espavorido, desceu a escada n'um pulo, e sahiu a porta como um tufão.

Quando elle sahiu, apeava-se da carruagem Elisa, a governante, a mestra de piano e Roberto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

(VISCONDE DE CORREIA BOTELHO)

—O que é isso, José! Ha alguma novidade? perguntou assustada a governante.

—Ja venho, já venho, vão depressa, gritou o José correndo a bom correr.

Elisa fez-se logo muito pallida e perguntou balbuciante:

—O que é? Meu pae estará peior?

—Não sei: vamos depressa, retorquiu a governante, muito enfiada tambem, e galgando a escada velozmente.

Os quatro subiram em torpel por ali acima e entraram correndo, com a respiração offegante pela correria e pela anciedade, por aquella casa enorme, agora completamente deserta, escancarada ao publico como um casa abandonada.

—Ninguem, disse Roberto olhando para a governante com olhar afflicto e angustiado, comprehendendo que aquella solidão e aquelle abandono eram de mau presagio.

Finalmente chegaram ao quarto do conde.

A' porta agrupavam-se os creados e as creadas, todos com umas caras contristadas, ellas chorando surdamente, elles muito enfiados, deitando para o grupo olhares cheios de curiosidade.

A governante abriu caminho por entre elles, bruscamente, e seguida de Elisa e de Roberto, entrou offegante pelo quarto dentro.

Os medicos tinham mandado sahir toda a gente do quarto e estavam ambos sósinhos, um de cada lado do leito, tomando o pulso ao conde, a vêr se a vida pulsava de novo n'aquellas arterias paradas.

A governante, n'um grande estado de exaltação, affastou os medicos brutalmente, e lançou-se sobre o corpo inanimado do conde, soluçando e apalpando soffregamente a testa, as faces, as mãos, que tinham já o frio gelido dos cadaveres.

E não poude mais, e rompendo n'um pranto ruidoso, gritava:

—Está morto! Está morto! O que será de mim?

—Morto! respondeu immediatamente, como um echo, uma voz muito afflicta, afogada por violentissima commoção.

E ao mesmo tempo sentiu-se o estrondo de um corpo cahindo pesadamente sobre o sobrado. Era Elisa, que perdera os sentidos, ao ouvir dizer que seu pae morrera.

N'esse momento chegava á porta, muito cançada, com muito mau humor, a mestra de piano, murmurando enfastiada:

—Ora não ha! parece que estão todos doidos! Eu não estou para estas corridas. Ora que tal está! Não sou para isto...

Um olhar ameaçador e feroz, que lhe vibrou Roberto, muito pallido, e apontando para o leito, onde o corpo de seu pae tinha todos os tons lividos e sinistros d'um cadaver, fel-a calar.

*(Continúa)* GERVASIO LOBATO.

# A CONDESSA DE MIRAFIORI

A morte da formosa Rosina não acordou na imprensa, áquem e álem dos Pyreneus, senão um ligeiro rumor, depressa extincto.

Almaviva precedera-a na eterna viagem do tumulo, e o esquecimento antecedera-a na breve peregrinação da terra.

Antes de morrer, Rosina deixára de existir.

A sua vida fôra um reflexo fugaz, um clarão ephemero, o aroma de uma flôr, momentaneamente purpureada por um raio de sol.

A sua morte foi o brusco e instantaneo emmurchecer da rosa, desfolhando-se ao cair da tarde e espalhando as folhas seccas na terra cavada pelas cheias do inverno.

O capricho de um rei transformára um dia a humilde filha de um tambor do exercito, a obscura camponeza, a Rosina da aldeia, creada a monte entre os pastores e as serranas, na altiva e invejada condessa de Mirafiori, para obter os sorrisos da qual os primeiros fidalgos da Italia não duvidariam fazer o que os bispos fizeram á Pompadour: descalçar-lhe o pantufo.

A pobre aldeã possuia a maravilhosa lampada de Aladin, que se chama belleza.

Rosina era linda como o sonho de um pintor da Renascença: os seus cabellos eram loiros como as finas madeixas de oiro fosco das patricias venezianas, acariciadas pelo pincel de Ticiano; os seus olhos tinham a profundidade luminosa de um lago e a suavidade aveludada, que promettia um paraiso de inebriantes ternuras. A sua figura, delicadamente esculpida, tinha a flexivel delicadeza do vime, dobrando-se ao sopro da viração.

Victor Manuel era um atheniense da escola de Rabelais.

A primeira vez que o principe viu Rosina, adejaram pelos seus labios as legendarias palavras do amante do templo de Guido:

*O' mulher, deixa cair os véus e pede altares!*

A partir d'esse dia, a Italia foi, mais ou menos, governada pela *bella del Re*.

Esse governo, porém, mercê do caracter amoravel e da inalteravel alegria da dominadora, exerceu-se suavemente, graciosamente, verdadeiro governo de mulher, reinando pelo encanto de ser bonita e pelo prestigio de ser boa.

Rosina acompanhava Victor Manuel nas suas excursões alpestres, nas caçadas, nas corridas por montes e valles, onde se exercitava o assombroso vigor muscular do filho de Carlos Alberto.

Trotavam ambos como dois estudantes em ferias; trepavam ás montanhas, embrenhavam-se nas sinuosas veredas do valle de Aosta. O rei adorava esse genero de diversões.

A vida e a saude que exuberavam d'essa organisação de gigante, expandiam-se completamente no seio da natureza livre, longe do regimen cortezão, longe do despotismo da etiqueta, longe do apertado ambito de uma sala povoada de aulicos e de lisongeiros.

O rei do Piemonte fugia muitas vezes á côrte, desprendia-se das algemas do pesado officio de reinar, para ir jantar, á sombra das arvores em flor, com a filha do tambor de Turim.

N'essas partidas de bohemio, Victor Manuel mostrava-se tal qual realmente era, isto é, um homem encantador, dotado de uma alegria contagiosa, de um appetite infatigavel, de um bom humor superior a todos os revezes, armado de um bom dito, scintillante de espirito, e tendo sempre de reserva uma phrase imprevista para fazer face a uma situação inesperada.

Um dia, passando o monarcha por Como, a municipalidade offereceu-lhe uma ligeira refeição.

Victor Manuel provou o vinho, achou-o excellente e louvou ao syndico a escolhida superioridade da sua adega.

O syndico, atrapalhado, respondeu que ainda possuia outros vinhos de melhor qualidade.

—Ah! perfeitamente, acudiu o rei, voltando o copo, e guarda-os para melhores occasiões.

A amisade que Victor Manuel dispensava áquelles que viviam na sua intimidade, dependia em muita maneira das sympathias ou das antipathias da condessa de Mirafiori.

Rosina era amavel e boa rapariga: cumpria, porém, evitar o perigo de desagradar-lhe. O desagrado da condessa reflectia instantaneamente no animo do monarcha.

Rosina não deixava de rir; os seus dentinhos brancos alvejavam-lhe como dois fios de aljofares na bôca vermelha e fresca.

Mas alguns dias depois, a frieza do rei e a reserva da côrte lavravam a tacita condemnação dos mesmos, que alguns dias antes tinham sido recebidos pela condessa de Mirafiori, e acolhidos pela bella favorita com um fino sorriso coado entre os dentes atravez do qual se occultava o agudo estylete da vendetta.

Uma das victimas, o barão ***, adivinhando de uma vez a mão que o ferira, resolveu defender pessoalmente a sua causa e ir procurar o rei.

Victor Manuel villegianava no valle d'Aosta e almoçava, em tête-à-tête, com a sua formosa amante.

Ao ver apparecer o barão, um dos mais guapos homens do Piemonte, alto, robusto, bem posto sobre um pujante thorax de Apollo de Belvedere, a condessa previu logo o que ia succeder e sentiu trovejar sobre a sua bonita cabeça a brutal franqueza do accusador.

Então, sem dar tempo ao barão de abrir a bôca, Rosina ergueu-se em um pulo e atirou-se aos braços do recem-chegado, que não esperando aquelle singular acolhimento, cambaleou, sustendo-se a custo.

A condessa, rindo ás gargalhadas, voltou-se para o rei e disse-lhe:

—Bem vês, Victor, julgavas que o teu amigo era um valente, e quasi que o deitei ao chão!

O rei celebrou, rindo, a graça da condessa, e o barão engoliu sem perda de um segundo a diatribe que trazia suspensa dos labios.

Distinguia-se a condessa, entre outras prendas, pelo entranhado amor que votava aos filhos.

Foi á mãe extremosa, á companheira fiel, á viril amiga cuja cega dedicação não se desmentiu nunca, que o rei deu o titulo de esposa, conferindo-lhe a honra, pela qual em vão suspiraram tantas bellas patricias italianas.

Uma particularidade interessante, que dá em um pittoresco traço o perfil d'esse rei galantuomo:

Antes da batalha de Novara, Victor Manuel tinha a barba loira.

Um dia, o principe notou que a côr da sua barba afeminava o caracter energico, a expressão mascula, indispensavel á physionomia de um rei—soldado.

No dia em que o espelho lhe fez esta revelação, Victor Manuel appellou para a chimica e tingiu a barba, pintando de preto esse marcial bigode á Van-Dick, que primitivamente tinha sido loiro.

Como já disse, o rei de Italia possuia em subido gráu o dom especial da replica feliz e conceituosa, que dava á sua conversação a vivacidade, a graça espontanea e a irresistivel seducção, peculiares a um verdadeiro meridional.

De uma vez, querendo Victor Manuel subir uma escada muito estreita, para ir ver o zimborio de uma egreja, e incommodando-o a espada, o principe entregou a arma ao seu ajudante de ordens. Machinalmente, o ajudante desembainhou a espada. De subito, attrairam-lhe a attenção umas letras que viu gravadas no aço. Não podendo crer no testemunho dos seus olhos, o coronel leu: «*E viva la republica.*»

CASA DE JOGO NA CHINA

Logo que o rei desceu, o ajudante apresentou-lhe a espada desembainhada, exprimindo ao mesmo tempo o assombro que lhe causara aquelle singular letreiro.

—Coronel, respondeu Victor Manuel, com um riso ironico, fica sabendo que é sempre conveniente ter uma pessoa duas cordas no seu arco.

*

A condessa de Mirafiori morreu no silencioso remanso do lar obscuro e solitario, onde fora occultar das indiscretas curiosidades do mundo os crepes da sua viuvez.

Ahi compareceu o ajudante de ordens do rei Humberto, encarregado de fazer, á custa do seu real amo, o enterro da formosa Rosina.

O nome do filho de Victor Manuel, protegendo a condessa de Mirafiori, morta, equivale ao melhor titulo de gloria que poderia ambicionar para lustrar os erros do seu passado a condessa de Mirafiori, viva.

GUIOMAR TORREZÃO.

# AS NOSSAS GRAVURAS

## UMA PAIZAGEM DO BUSSACO

Démos ha tempo, uma formosa paizagem do Bussaco. Apresentamos hoje outra, não menos encantadora, d'aquelles sitios privilegiados, onde a provida natureza espalhou, a mãos largas, bellezas sem conto.

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

(VISCONDE DE CORREIA BOTELHO)

Isto não é uma biographia: é uma homenagem de respeito. Não vimos dizer quantos janeiros pezam sobre o homem alquebrado e enfermo; vimos apenas acompanhar de duas palavras respeitosas o retrato do romancista imminente.

A biographia de Camillo está feita nos multiplices productos do seu genio assombroso e do seu trabalho infatigavel. Anda ahi gravada em lettras de ouro por todos os quatro cantos do paiz, escripta em caracteres indeleveis e brilhantes nos annaes da litteratura patria.

E não conhecemes outro que houvesse lidado tanto, com egual perseverança e actividade.

Camillo Castello Branco levanta o pedestal da sua perduravel gloria nos innumeros volumes, que a sua elegante e fecunda penna tem produzido, e o seu nome passará ás vindoiras gerações, aureolado pelo duplo prestigio do talento e do trabalho.

Quando se contempla um vulto como o do notavel romancista portuguez, aprecia-se pelo conjuncto das suas obras, pela abundancia e riqueza dos materiaes n'ellas accumulados, e não pela critica minuciosa de cada uma das composições isoladamente. Podem porventura encontrar-se, aqui e além, imperfeições, póde discutir-se o entrecho de cada romance, o desenho de cada personagem, o contorno de cada typo, o esboço de cada paizagem, a originalidade de cada acção, o bom gosto de cada desenlace, a lição moral de cada enredo, o mimo de cada episodio, a verosimilhança de cada lance; póde fazer isso a critica quando se occupa exclusivamente de um determinado volume do distincto escriptor; mas quando avalia o complexo de tantos primores, a exuberancia de tanta imaginação, a opulencia de tantos conhecimentos, os thesouros de tanta observação que se encerram na vastissima bibliotheca de Camillo Castello Branco, a critica curva-se reverente perante o homem, que tem tão esplendidamente illustrado o seu nome, e contempla admirada os inexhauriveis mananciaes d'aquella privilegiadissima intelligencia.

Tambem quando se admira um formoso ramalhete se não vae perscrutar se cada rosa não tem uma petala menos fresca, ou se na corola de cada açucena não pousou um insecto que lhe maculasse a alvura; tambem quando se contempla um monumento se não investiga se cada pedra não tem um veio mais escuro, ou se nas bordaduras de cada ornato o cinzel do artista não resvalou de leve por uma folha de acantho.

A bibliotheca de Camillo é como o primoroso ramalhete, ou como o soberbo monumento, onde as bellezas do conjuncto deslumbram de tal modo que não dão tempo á minuciosissima analyse de cada uma das partes.

E todavia, este rarissimo talento não foi d'aquelles que encontraram largo e facil caminho aberto diante da sua actividade. Estreiando-se muito novo nas lides da litteratura, encontrou-se frente a frente com a malquerença, e teve de arcar valorosamente com ella. Lutou com perseverança e venceu com gloria. Aquelles mesmos, que mais hostis se haviam mostrado ás suas primeiras tentativas, tiveram mais tarde de curvar-se perante as poderosas manifestações do seu grande genio e de lhe prestar a homenagem da devida consideração.

Ganhas as esporas de ouro, não pelo favor da adulação, mas por solidas victorias alcançadas n'este prelio litterario em que devotamente se empenhou, Camillo não adormeceu inerte á sombra dos loiros tão laboriosamente colhidos; antes redobrou de esforços e de energia para conquistar um dos primeiros logares entre os lutadores da arena litteraria; e foi assim que conseguiu tornar-se o mais querido, o mais festejado, o mais popular dos romancistas portuguezes, aquelle cujas obras eram procuradas com mais avidez e lidas com maior deleite.

*

Entre os variadissimos volumes, que Camillo tem produzido na sua febril actividade de escrever, encontram-se romances perfeitos de correcção, sympathicos de enredo, esmerados de desenho, comquanto, muitas vezes, a sua indole, mais observadora do que creadora de abstracções, o leve a reproduzir nos seus personagens typos de tal modo reaes e vulgares, que não accentuam bem uma d'estas individualidades energicas e vigorosas que passam da tela do romance para o mundo moral, e se apontam como exemplos das virtudes ou dos vicios que os caracterisam.

Se na fluencia da sua linguagem magica tem Camillo os mais suaves cambiantes para reproduzir os sentimentos doces e affectuosos, ninguem como elle possue as tintas carregadas de uma phrase incisiva e inexoravel, ninguem tem como elle o segredo do epigramma pungente, ninguem sabe como elle amarrar as suas victimas ao poste do ridiculo, ninguem, emfim, conhece os recursos de despertar a gargalhada.

E' por isso que o notavel escriptor é um temivel adversario na luta; mas, se é forte e potente em hostilidades, tambem ninguem como elle sabe ser desvelado em extremos de amisade, de condescendencia e de delicadeza.

Mas não estejamos nós a repetir o que é de todos sabido, e a desandar para o campo da biographia laudatoria. Limitemo-nos a render o preito da mais sincera admiração a este escriptor distinctissimo e geralmente apreciado, a este grande engenho, que occupa na republica litteraria do nosso paiz um dos primeiros logares, a este infatigavel obreiro, para quem o trabalho é uma religião e a litteratura um culto!

## CASA DE JOGO NA CHINA

Não se desconsolem os nossos *batoteiros* emeritos do continente, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas: teem imitadores por toda a parte, em todos os cantos do globo, desde a civilisada Europa até aos confins da Asia e da Oceania.

No Celeste Imperio, sobre tudo, joga-se desenfreadamente, e não raro é ver as mulheres e as creanças tomarem parte na jogatina, parando ao mesmo tempo sapecas e joias de subido preço.

A nossa gravura do brinde representa uma casa de jogo chineza.

Entre os *pontos* veem-se alguns europeus, mas, a julgar pelas attitudes e phisionomias da bella sociedade, não são aquelles os mais viciosos.

## GALERIA D'ESTADISTAS

### I

### BARJONA DE FREITAS

Um dos talentos mais vigorosos e brilhantes que a Universidade de Coimbra tem produzido.

Ainda estudante, já se tornava notavel, entre condiscipulos e lentes, pela fluencia amena da sua palavra, pela clareza com que sabia vêr as questões, e pela fina e invulneravel argucia da sua argumentação.

Tem sido, por muitas vezes e por largos annos, ministro da justiça, e a elle se devem todas ou quasi todas as reformas dos codigos e das leis liberaes, a divisão judicial, a implantação do systema penitenciario e a abolição da pena de morte.

E' um espirito essencialmente progressista e profundamente patriotico. Os seus inimigos temem-o, por ser um habil politico no conselho e um dextro e invencivel luctador na discussão. E' uma das vozes mais eloquentes do parlamento, e passa por ter a mais larga e reflectida previdencia sobre os negocios politicos.

A patria, que muito lhe deve já, tem ainda muito a esperar d'elle.

### II

### HINTZE RIBEIRO

Intelligencia privilegiada, espirito verdadeiramente superior.

Deputado, ganhou as esporas de ouro logo nos primeiros combates da tribuna parlamentar, sobresahindo, pela correcção,

brilhantismo e espontaneidade da sua luminosa eloquencia, a todos os outros oradores modernos da Camara.

Ministro, conquistou o respeito e a admiração do paiz, promulgando leis sabias, que são a synthese d'um talento robusto, d'um estudo persistente e aturado, d'um senso pratico admiravel em tão verdes annos.

Jurisperito notabilissimo, afirmou os seus alevantados creditos, publicando, ao sair da Universidade, trabalhos importantes, que lhe abriram de par em par as portas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, taes como: *Theoria e legislação do recambio, Do caso julgado, Os fideicommissos no direito civil moderno, e Da reforma da legislação commercial.*

Hintze Ribeiro é um orador fluente e correcto. Os seus discursos, logicamente concatenados, se não arrebatam pela exhuberancia das imagens e dos grandes effeitos oratorios, convencem-nos, mostram-nos claramente a verdade em toda a sua nudez. Ao passo que outros se preoccupam das pompas declamatorias, tratando de colorir a phrase, este distincto estadista segue a corrente dos seus pensamentos, indo, pela linha recta, sem tergiversações escusadas, ao amago da questão que se debate.

Quando é preciso convencer, poucos o firão melhor do que elle. Quando ha necessidade de vibrar golpes fundos e rijos, pouquissimos lhe levarão a palma na facilidade e vigor da replica. Os seus discursos esmagam muitas vezes o adversario, como se fossem bombas de dynamite.

*

Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro nasceu na ilha de S. Miguel a 7 de novembro de 1849. Conta, pois, 36 annos, e, n'esta edade juvenil, conquistou já as pastas de mais difficil gerencia, os arminhos de par do Reino, todos os triumphos e glorias que podem ser alcançados na vida publica.

---

CANHONEIRA «JULIO DE VILHENA»

Um dos mais formosos e elegantes vasos da nossa marinha de guerra.

Foi madado construir nos estaleiros da Gran-Bretanha pelo ex-ministro da marinha, conselheiro Julio de Vilhena, de quem tomou o nome, e destinou-se ao estabelecimento de missões civilisadoras na Africa, tendo por commandante o brioso 1.º tenente da Armada, Nuno de Freitas Queriol.

---

CAPELLA DE CARLOS ALBERTO, NO PORTO

A nossa gravura representa o formoso e quasi rude monumento mandado levantar no Porto em honra de Carlos Alberto por sua irmã, a princeza Augusta de Montlear.

E' uma singela capellinha de granito, em cuja fachada se lêem apenas estes caracteres: 25 de dezembro de um lado, e de outro: de 1861. E' a data da fundação. Se acrescentarmos a esta data as iniciaes C A (Carlos Alberto), teremos dado noticia de toda a pompa epigraphica da formosa capellinha. Dentro, a singeleza não é menor. Uma preciosa imagem, de marmore, de S. Carlos Borromeu. Pouco mais: o indispensavel ao culto.

Por engano diz o sr. visconde de Villa Maior, no seu *Douro Illustrado*, que jazem na capellinha do Palacio de Crystal os restos mortaes do vencido de Novara. Elle falleceu em Entre-Quintas, propriedade tão proxima da capellinha, que o bosque do Palacio de Crystal lhe pertencia n'esse tempo. Foi esta a razão por que a princeza de Montlear escolheu aquelle local para mandar edificar o pequeno templo. Aquelle sombrio arvoredo, que é hoje um dos sitios mais deleitosos do Palacio de Crystal, trazia vagamente á lembrança o nome de Carlos Alberto, e é agradavel ao viajante fixar essa vaga lembrança com a visita ao delicioso templosinho.

O cadaver de Carlos Alberto foi da casa de Entre-Quintas para a Sé, onde esteve em camara ardente, e d'ahi saiu, cercado das maiores honras funebres, que lhe fez e Porto, para bordo de um barco italiano, que o viera buscar.

E' formosissimo o panorama que se desenrola a nossos olhos em frente da capella de Carlos Alberto. Este quadro do occidente vale um thesouro. Na margem direita torcem-se, sobre as aguas do rio, os grandes e salientes recortes dos outeiros, orlados superiormente como que por uma rara pluma de pinheiros. Ao fundo, um braço de mar cortado a meio pela lingua do cabedello, que parece uma nuvem filiforme e firme poisada sobre a agua. A margem esquerda faz, vista da grande avenida, um cotovello que obriga o rio a descrever um zig-zag harmonioso com os recortes da margem direita. Esplendido!

---

## UM CONSELHO POR SEMANA

### IMITAÇAO DO PERGAMINHO

**Para fazer papel pergaminho, ou vegetal, ha um meio muito simples: mergulha-se uma folha de papel, bem consistente, n'uma solução composta d'uma parte d'agua e seis partes d'acido sulphurico. Passados cinco segundos, tira-se para fóra, e lava-se muito bem, até desapparecerem todos os vestigios do acido.**

**Submettida a esta operação, o papel terá a apparencia do pergaminho.**

---

# EM FAMILIA

## CHARADAS

NOVISSIMAS

Este appellido caça feras na Persia—1—2.
Este pronome fere e desmoralisa - 1—2.
Esta doença e esta voz come-se—2—2.

Brunhozo. PADRE LEITE VELHO.

No codigo mostrava-se alegre esta cidade—1—2.
Divisou este homem um instrumento —2—2.
Esta cidade suspende um habitante do mar—2—1.

PERPETUA.

No homem dá luz a este navio—2—2.
Esta cidade está contente n'esta outra—2—3.

S. SIMÕES.

---

EM VERSO

(A' ex.ma sr.a D. Christina M. d'A. Brenne Adrião)

Se tudo quanto é vivente
Inda ha de ser o que eu sou,—1
Tambem ha de ao lavrador
Dar proveito, como eu dou—2.

Grandes vortices me fazem
correr caminhos e 'stradas;
Levando, ás vezes, p'los ares,
cousas do chão apanhadas.

J. VELLOZO.

---

## LOGOGRIPHO

(Ao Pequeno Antoninho, de Vizeu, a quem o auctor offerece, como premio, caso decifre este «logogripho» no praso de 8 dias, um numero unico d'um jornal commemorando o 1.º de dezembro em Braga, collaborado por distinctos escriptores).

Um homem assim chamado—12, 10, 8, 4, 12, 3, 22, 14
Offer'ceu me certo arbusto—18, 27, 22, 5
Que *imaginei* toda a noite—28, 8, 15, 21, 3, 25
D'esta mulher ser o busto.—9, 5, 15, 26, 25, 26, 5

Tinha este titulo, amigo,—20, 8, 15, 26, 3
E tambem este appellido,—13, 19, 6, 24, 5
Que, formando herva vulgar,—12, 11, 7, 27, 1, 2, 22, 19
Tambem formava tecido.—1, 27, 25, 5

Era um enorme abestruz
De S. Vicente na ilha;—23, 5, 15, 26, 19, 15
Mas um homem, meu amigo,—1, 18, 16, 7, 28, 8
Occultou-o n'esta bilha.—12, 6, 17, 5, 22, 8

O conceito é muito facil
Para quem souber latim;
Pois que um «rico e avarento»,
Designado foi assim.

Braga. J. VELLOZO.

---

## PERGUNTAS ENIGMATICAS

(A Zeferino José de Sampaio)

Qual é o nome de homem, que é insignia de Bacchο?

---

**Qual é a cousa que se põe nas gravatas, nas cortinas, nas alcatifas, nas espadas, e que é um vaso?**

**J. VELLOZO.**

# GALERIA D'ESTADISTAS

BARJONA DE FREITAS

H NTZE RIBEIRO

## PROBLEMA

Disponham-se em 5 fileiras 45 cartas d'um baralho, e diga-se a uma pessoa que pense n'uma carta, e que declare em qual das fileiras ella se acha. Reunam-se as cartas de cada fileira, e juntem-se todas de modo que fique no meio a fileira que contém a carta pensada. Colloquem-se de novo as cartas como no principio, pondo a primeira, segunda, terceira, quarta e quinta á direita umas das outras, a sexta debaixo da primeira, e assim successivamente; e reunam-se as fileiras de cartas como já dissemos. Procedendo d'este modo, qual é o menor numero de vezes que é necessario repetir esta serie de operações, para que a carta pensada adquira uma posição invariavel, embora se exceda aquelle numero?

M. D'ALMEIDA.

## DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Hippomaniaco—Reforçado—Estalagem—Comico—Bagaço—Talhafrio.

DA CHARADA EM VERSO:
Reconhecimento.

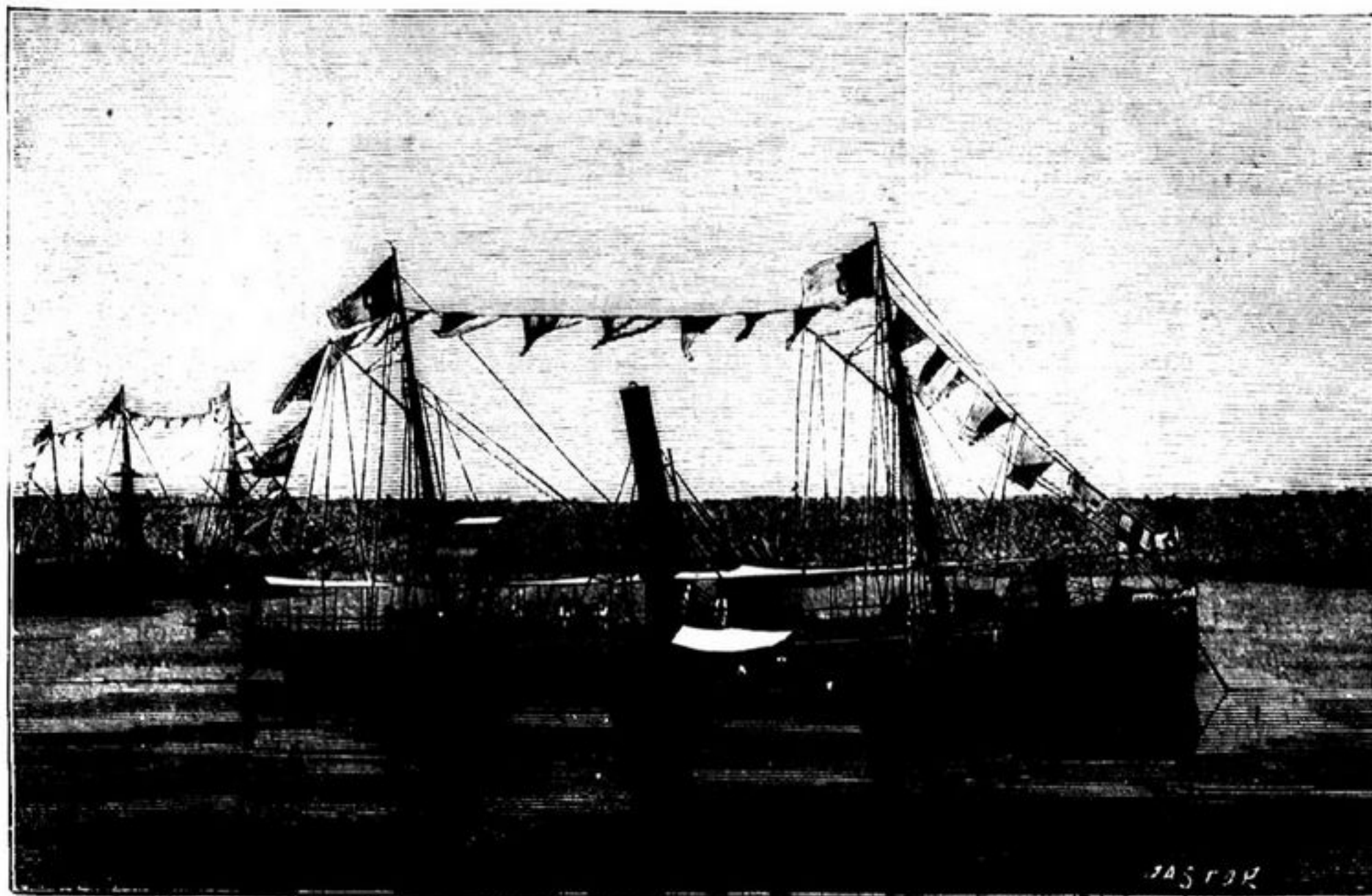
DOS LOGOGRIPHOS:—Lambe-lhe-os-dedos—Incorruptibilidade.

DA CARTA-LOGOGRIPHO:—Theologia.

DO PROBLEMA:—Sendo $2n$ as cartas; as duas series

$$1, \quad 2, \ldots\ldots n-l, \ldots n-1, n, n+1, n+2, \ldots n+k, \ldots\ldots 2n$$
$$2n, \quad 2(n-1), \ldots 2(l+1), \ldots\ldots 4, \quad 2, \quad 1, \quad 3, \quad \ldots 2k-1 \ldots\ldots 2n-1$$

representam a disposição primitiva e a que resulta depois de baralhadas as cartas uma vez.

O problema exige que seja $n-l=2k-1$, e $n+k=2(l+1)$, ou $k=\frac{n+4}{5}$ e $l=\frac{3(n-1)}{5}$, e portanto deve ser $n-1$ egual a um multiplo de 5. Suppondo $n-1=25$ é $n=26$, $k=6$ e $l=15$, d'onde se conclue que empregando 52 cartas, a 11.ª e 32.ª, trocam o logar, uma com a outra, depois de baralhadas uma vez.

CANHONEIRA «JULIO DE VILHENA»

## A RIR

Uma peccadora aposentada, de cerca de setenta annos, prega moral á sua neta:

—Sim, minha Laurinda, é verdade que commetti uma falta quando tinha 16 annos; mas juro-te que isso me serviu de lição... principalmente n'estes ultimos dez annos.

*

O sr. X..., que é um observador, dizia a um dos seus amigos:

—Queres ficar bem informado ácerca dos teus contemporaneos? Pois bem, grita na rua:—*Imbecil!*, e verás como toda a gente volta a cabeça.

*

Uma formosa dama, trajando de luto rigoroso, atravessa a Avenida. Alguem diz a Calino:

—E', sem duvida, uma viuva. Não acha que é agradavel ver uma viuva nova?

Calino, com convicção:

—Acho, comtanto que não seja a nossa!

# BRANCA

Era uma manhã de maio, formosissima e quente. O sol, batendo a calçada, augmentava o calor atmospherico que se introduzia pelas janellas abertas dos predios.

Na rua da Alegria, n'um *rez-de-chaussée* de um predio novo, sem nenhum temor pelo sol, encostava-se ao parapeito de uma das janellas, uma menina de dezoito annos, mas que parecia ter quinze, tão franzina era e tão amarella tinha a cor do rosto.

Vestia uma *toilette* estranha para a sua côr doentia, pois lhe apertava o busto rachitico um vestido de seda côr de rosa, todo enfeitado de largas rendas pretas, o que, certamente, era indicio de riqueza. O vestido era afogado, não deixando admirar as claviculas; e das mangas compridas emergiam umas mãosinhas finas e magras.

Havia, porém, um dom opulento da natureza n'esta mulher-creança: era o seu formoso cabello castanho claro, de uma exuberancia de vida e de uns cambiantes de luz deliciosos. Parecia que toda a seiva d'aquelle corpinho enfesado passara para o cabello soberbamente penteado á grega. Dir-se hia que a cabeça vergava na haste flexivel do pescoço, ao peso d'aquelle thesouro capilar.

O reflexo dos raios solares dava um tom bronze e oiro ao diadema das madeixas soltas, que fluctuavam gentilmente sobre a sua testa pequenina. Os seus olhos grandes e brilhantes, inquietos e febris, circumdados de um largo circulo roxo, davam-lhe á physionomia angulosa o aspecto triste de uma tisica.

Toda a attenção d'esta creatura, no momento em que a surprehendemos, estava absorvida no predio fronteiro, em construcção.

Quem a visse tão attenta, iria julgar que estava estudando, *d'après nature*, um quadro de genero, para desenhar no seu album. Seguindo-se, porém, a direcção do seu olhar, breve se notava que elle incidia, com uma persistencia inquietadora para a reputação de uma menina vestida de seda côr de rosa com rendas pretas, sobre um lindo official de pedreiro, de vinte annos d'edade, a avaliar pelo buço que despontava, como uma caricia, sobre o seu labio vermelho e sensual.

O juvenil pedreiro não era, de certo, estranho á adoração de que estava sendo alvo, para justo orgulho da sua classe, porque, de vez em quando, voltava a cabeça surrateiramente para o predio fronteiro e fixava uns olhares ardentes, devoradores, infernaes, sobre a pobre menina, dos quaes escorria toda a malicia de um garoto, e todo o impetuoso sangue dos vinte annos. Aquelles olhares eram como o chicote do senhor açoitando os flancos nus da escrava.

De vez em quando, a voz fresca e argentina do operario soltava uma cantiga d'amor, perfida, intencional, que ia coar-se nos ouvidos attentos da donzella, com o sabor picante das cousas defesas e novas, que tanto agradam á mocidade.

O rapaz, trabalhando, não perdia um só gesto d'aquella que o acaso lhe fizera deparar no seu caminho. A fascinação mysteriosa, exercida pela sua mocidade radiante de belleza varonil e de vivacidade meridional, sobre aquella pequena patricia, era decisiva.

O que se seguiria d'aqui?

Quem era aquella joven?

E' o que vamos narrar. E este conto não é inteiramente inverosimil, nem as causas e effeitos n'elle apontadas são de tanta raridade em Lisboa, como alguem poderá suppôr.

*

Branca, a menina do vestido côr de roza com rendas pretas, era a filha unica do sr. conselheiro Carreira, circumspecto funccionario publico superior, já entrado em annos e viuvo, vivendo em companhia da filha e de uma irmã solteirona, velha egoista e devota, que empregava o tempo que lhe sobrava da summaria direcção da casa, visitando as suas amigas e as egrejas da sua predilecção; saindo sempre só e não se importando com a sobrinha, que deixava entregue aos cuidados de duas criadas velhas.

O conselheiro não lhe ficava atraz, não diremos em egoismo, mas em descuido, e todo elle andava entregue á politica, dia e noite.

Branca disfructava, pois, a maxima liberdade. A sua saude fraca, livrara-a do collegio, e a sua educação muito descurada, sem um rigor inflexivel de disciplina, sem um methodo racional, correra á medida dos seus caprichos infantis. Aprendera o portuguez, o francez, piano, desenho, flores; e, imaginação romantica, doentia e exaltada pela soledade em que se via mergulhada, entregára-se com furor á leitura de novellas de toda a especie, apenas sentira operar se, no seu organismo, essa transformação que torna a creança em mulher.

Sem uma pessoa amiga e intelligente que lhe dirigisse o desabrochar do coração, esta creança estava completamente desarmada para a grande lucta dos sentidos no momento psychologico em que o olhar ardente e dominador do primeiro rapaz forte, sympathico e formoso, se cravasse n'ella demoradamente, e lhe dissesse na sua linguagem muda, mas implacavel — quero.

Foi o que succedeu.

Até ao momento em que a fatalidade quiz que attentasse no moço operario que trabalhava no predio em construcção, fronteiro ao seu, tinha visto, é certo, muitos rapazes por onde poderia escolher um noivo condigno á sua posição social; mas arredada da sociedade, só os vira de relance e de longe. Nenhum havia, até ali, lançado sobre ella, senão olhares indifferentes. Ao domingo, nos theatros e nas egrejas, unicos logares publicos que frequentava, os primeiros sob a egide do respeitavel conselheiro, e os segundos em companhia da tia, tinha percebido que os olhares dos jovens conquistadores se dirigiam de preferencia para as outras raparigas, junto das quaes se reconhecia feia: e esta descoberta intimidava-a e cravava-lhe no peito a garra de uma angustia secreta, que ainda mais a definhava. O seu coração, terno e sensivel, era ainda muito joven para odiar esses que pareciam desprezal-a ou esquecel-a.

Foi n'esta terrivel disposição da alma que viu um dia, com surpreza, perturbado o retiro da sua triste rua, onde até os pombos passeiavam descuidosos, por uma partida de operarios alegres, que vinham demolir um pardieiro e levantar um predio defronte das suas janellas.

Nenhuma das pessoas que vivem no bulicio das grandes arterias centraes, imagina a influencia que teem para a vida sedentaria de uma creança devaneadora e ociosa como a nossa heroina, os acontecimentos mais ordinarios.

No dia fatal em que principiou a demolição do pardieiro, Branca acordou ao estrondo das alavancas de ferro erguendo as pedras, dos gritos de commando do mestre d'obras, da mescla da voz grave dos homens e da voz efeminada dos rapazes serventes e aprendizes. Ergueu-se á pressa e espreitou por entre as cortinas para a rua. N'esse dia não poude abrir a janella porque as nuvens de poeira erguidas pelo entulho não lh'o permittiram; mas teve, durante o dia, um inesperado e magnifico entretenimento. Para variar, foi buscar os lapis e desceu á sala no *rez-de-chaussée*, a fazer o *croquis* da derrocada.

Levou assim os dias que durou a poeira, isto é, a demolição. Os seus olhos, por fim exercitados, descobriam atravez das nuvens de pó as feições dos differentes pedreiros, e os seus ouvidos já distinguiam perfeitamente o metal de voz de cada um. Era um jogo de prazer e uma soberba distracção!

Depois de haver desenhado o extincto predio, principiou a retratar os operarios um a um, e para isso teve que estudar mais detidamente as suas physionomias de um tom aspero, magnifico para o desenho, physionomias expressivas de lucta e de coragem; *as physionomias d'amanhã*, quando a *«gente de bronze»* occupar o logar que hoje disfructa a burguezia, segundo as theorias socialistas.

Como é natural, havia na obra moços e velhos; ao chegar, porém, a um official muito novo, ao qual os companheiros chamavam Leonardo, a sua mão tremeu pela primeira vez; uma singular perturbação se apoderou d'ella; mas isto foi momentaneo, e principiou a desenhal-o como tinha feito aos outros.

O Leonardo tinha o chapeu com as abas voltadas para baixo, sem duvida por causa do sol, e esta simples circumstancia dava ao seu rosto, alvo e corado, imberbe, oval, , quasi feminino, um tom extremamente gaiato, que não passou desapercebido a Branca. Mas era difficil copiar-lhe o rosto, por causa do maldito chapeo, e Branca não tirava d'elle os olhos, espreitando a occasião em que o rapaz, para descançar, endireitasse o corpo. Foi n'um d'estes instantes que o Leonardo, attrahido sem duvida por esse mysterioso influxo que nos faz voltar inconscientemente para a pessoa que nos fixa a qualquer distancia com persistencia, encarou com a sua visinha de olhar cravado n'elle e de cartão e lapis em punho.

O rapaz ficou positivamente embasbacado, e os seus grandes e bellos olhos azues abriram-se desmedidamente, a tal ponto, que Branca não poude conter uma gargalhada, pondo-se logo a acabar o *croquis*, olhando repetidas vezes para o original.

Ou fosse porque o Leonardo percebesse o que ella estava fazendo, ou fosse admiração ou vaidade, conservou-se attento para a janella de Branca, até que um rugido formidavel do mestre d'obras o chamou á triste realidade da picareta.

Mas a impressão que elle causou em Branca não se descreve. A filha do conselheiro ficou seriamente pensativa e principiou logo a estudar o original com uma curiosidade de rapariga ociosa. Analysou-lhe a physionomia e sobretudo o olhar petulante e meigo ao mesmo tempo; mediu-lhe os gestos; escutou-lhe a voz; viu-o rir e brincar com os seus companheiros á hora da sesta. N'aquelle momento quizera ser tambem um rapaz, para estar junto d'elle em fraternal convivio.

Oh! mocidade!

*

Nos dias que se seguiram ao da descoberta de Branca, nunca mais a pobre menina se tirou da janella e nunca mais, tambem, despiu o vestido côr de rosa com rendas pretas porque um dia, que mudou de *toilette*, parecendo-lhe no seu coquettismo ingenuo, que isso produziria certo effeito, ouviu chilrear a voz harmoniosa *d'elle*, com a cantiga seguinte, cujo sentido era demasiado transparente:

Eu gosto da côr de rosa,
Que tão bem fica á menina;
E' côr alegre e formosa
E propria de gente fina.

Leonardo, como todas as naturezas rudes, do campo, gostava das côres vivas. E' possivel que a côr de rosa lhe fizesse lembrar os vergeis da sua terra; porque ainda não dissémos que o rapaz era do Funchal (ilha da Madeira).

A obra ia já emergindo lentamente dos alicerces e era absolutamente certo que não duraria sempre; portanto Leonardo, como todos os ilheus, ambicioso, audaz e aventureiro, resolveu-se a fallar a Branca. Chegara o momento critico. Tanto um como o outro sentiam essa anciedade vaga da approximação. Branca, por uma natural timidez que é o caracteristico do primeiro amor, receiava ser a primeira a dar o signal; elle, contido em respeito pela distancia social da sua admiradora, não se atrevia a dirigir-lhe a palavra, sem estar seguro de que o seu poder fascinador sobre ella era mais forte do que todas as conveniencias.

Dirigiu-se-lhe figuradamente em cantigas de viola, atirou ás mãos cheias o seu opulento repertorio trovaresco pelos labios fóra, viu-a muitas vezes sorrir, empallidecer, enrubescer-se e vibrar em toda a escala das commoções, e certo, seguro do exito, fallou-lhe de cima do seu andaime.

N'uma occasião, em que se apanhou só, disse-lhe:

—A menina dá-me uma palavrinha, á noite?

Branca fez-se da côr da cal da parede, e tão violenta foi a commoção que não poude responder.

—Dá?.. insistiu elle com um olhar e um sorriso capazes de fazerem perder a cabeça a uma freira.

D'esta vez, Branca aventurou um signal affirmativo.

—A que horas? interrogou elle logo, resolutamente.

Branca ergueu as duas mãos abertas ao ar, o que queria significar: ás dez.

*

A's dez horas da noite, sempre com o seu vestido côr de rosa com rendas pretas, estava Branca no seu posto, á janella da sala do *rez-de-chaussée*. Fazia um luar esplendido, mas felizmente a rua estava deserta. Breve appareceu o moço pedreiro, com o seu andar largo e firme, as pernas direitas e elegantes nas suas calças justas, o seu jaquetão de briche preto, forte como uma couraça, modelando-lhe o tronco robustissimo e desempenado. Na cabeça o seu feltro d'abas largas, sujo de terra, deixando a descoberto a testa ampla e branca, coroada de cabellos louros encaracolados.

Não cabe nas dimensões d'este obscuro conto, que tem muito de real, transcrever a conversação dos dois, tanto na primeira entrevista como nas seguintes; seria preciso um livro. Diremos só que a nossa heroina, com essa confiança cega das raparigas no primeiro homem que lhes fez bater o coração, contou toda a sua vida ao Leonardo. O amor d'elle seria a sua salvação; agarrava-se a esse amor com o desespero furioso do encarcerado que almeja pela liberdade. Condemnado a estiolar-se indefinidamente entre quatro paredes forradas de papel setim, de loja de barbeiro rico, queria viver, soffrer e morrer; queria ser mulher; queria ser mãe. Não era porventura como as outras?

Amava o pae com um amor filial e respeitoso, e a tia e as creadas como a amigas da infancia, mas a natureza tinha o seu imperio inexoravel e elles não podiam dar-lhe as alegrias funestas do matrimonio, as lagrimas e as dores de uma existencia que se reparte entre dois entes de sexo differente, que se amam com delirio, que arrastam juntos a sua cruz até ao Calvario, que se completam em espirito, que formam uma só alma, que constituem um só destino—a familia.

E' natural que o pae não a impediria de casar; mas consentiria que fosse com o pedreiro? Oh! Deus de misericordia! O conselheiro morreria antes, de vergonha. Mas ella não podia amar outro homem, porque aquelle se lhe apoderara totalmente dos sentidos e do coração. Matar-se-hia friamente, no dia em que o perdesse.

Ouvia elle bem? Ella matava-se se elle não correspondesse ao seu amor virgem. Estava prompta a sacrificar-lhe tudo, a fugir com elle, por isso que não via outro meio de realisar as suas esperanças. Quereria elle aventurar-se a tanto? Amava-a deveras, tambem? Com egual vehemencia? Era o que ella queria saber.

O pobre moço, espantado por esta paixão de que era objecto, e apiedado d'esta pobre menina, rica, nova e tão bem fallante, que elle, na sua qualidade de plebeu, julgava um ente superior que se dignara baixar os seus olhares até um pobre operario, vio n'isto como que um mysterio sobrenatural, sobretudo depois que Branca lhe disse estar firmemente crente que era Deus que o enviava para ella por pedido de sua mãe, que estava no ceu e a quem pedia todos os dias que a livrasse da aborrecida existencia que levava.

Como se vê, todos os namorados teem *fortes* raciocinios.

Leonardo era, como todos os ignorantes, supersticioso, e ouvindo fallar assim, misturadamente em Deus, em amor e na Virgem Maria, julgou que praticava uma boa acção protegendo Branca nos seus designios e, sobretudo, evitando que ella se suicidasse como tantas outras.

No decorrer, porém, das suas entrevistas nocturnas, ao respirar o halito perfumado de Branca, debruçada para elle na janella do *rez-de-chaussée*, ao sentir as suas mãos callosas entre as mãosinhas avelludadas d'aquella delicada creatura, ao ouvir a sua voz, a que o amor transbordante e longo tempo reprimido, punha notas de uma harmonia dulcissima, vendo-se tratado por meu anjo», «meu amor», meu Leonardo», perdeu inteiramente o pouco sangue frio que ainda lhe restava e sentiu trocar-se o sentimento de protecção que primeiro invadira o seu coração nobre e forte, diante da fraqueza de Branca, em um doce sentimento mais intimo, mais animal. Amou-a tambem seriamente. Estava escripto que o seu destino havia ligar-se ao d'ella.

Planearam então uma fuga em regra para a ilha da Madeira. Depois, quando ella fosse mãe, mandariam participar o seu paradeiro ao conselheiro e pedir-lhe auctorisação para o casamento. Nada mais natural, pensavam. E eram tudo lindos castellos no ar, risonhas architecturas de futuro.

Os namorados!...

*

Os nossos heroes, se haviam resolvido fugir, melhor o fizeram. Leonardo foi á agencia do paquete, no caes de Sodré e pediu duas passagens de terceira classe, uma para elle e outra para *sua mulher*, tendo o cuidado de dar um nome supposto a Branca. No dia da partida, ás 7 horas da manhã, chegava elle ao caes das Columnas com dois bahus onde ia a sua roupa e a de Branca, e entregava-os á guarda de um amigo; depois subia rapidamente até á esquina da rua da Alegria. Da janella do seu quarto, Branca espreitava-o, e apenas o avistou parado á esquina, desceu até á porta da rua e saiu resolutamente, indo juntar-se-lhe, e sem parar, sem trocar uma palavra, um gesto, seguiu ao lado de Leonardo tambem tranquillo.

A'quella hora matutina todos dormiam em casa, e os visinhos, se a vissem, não a reconheceriam, porque vestia o fato de uma das creadas velhas. Uma horrorosa saia de zuarte, um collete de riscado azul, e um chale pela cabeça, que lhe occultava o seu formoso cabello. Nos pés, calçados de meias ordinarias, uns sapatos de trazer por casa. Nem uma unica joia. O seu olhar desconfiado e a sua pallidez sepulchral, casavam-se perfeitamente com aquella estranha *toilette*; dir-se-hia que era uma doente pobre, que saia do hospital.

Ao desembocarem no Terreiro do Paço, davam oito horas e meia; ás nove estavam a bordo e ás dez o paquete suspendia ferro. Eis como se póde consummar um rapto em Lisboa, com toda a certeza d'exito

*

A's oito horas levantaram-se as creadas em casa do conselheiro, e grande foi o seu espanto ao encontrarem a porta da rua fechada simplesmente no trinco. Nada, porém, mais natural de que ter-se esquecido o sr. conselheiro de dar a volta á chave quando recolheu tarde de noite, segundo o seu costume. Não fizeram caso as santinhas e receberam afavelmente o padeiro, o leiteiro, o cortador, os distribuidores de periodicos, etc. A's nove e meia pozeram circumspectamente a mesa, e ás dez horas foram chamar os senhores e a menina para o almoço. Como era de esperar, a menina não respondeu; a creada empurrou então brandamente a porta apenas encostada, e lançou um olhar para dentro. Estava vasio o quarto. A velha creada passou aos quartos immediatos; nada: desceu á sala; não estava lá ninguem! Inquieta, sem saber ainda bem porqué, dirigiu-se á cosinha a consultar a outra creada,

e ambas foram certificar-se, pelos proprios olhos, do desapparecimento, para ellas inexplicavel, da menina. Restava uma esperança, ter ella ido ao quarto do conselheiro ou da tia; mas ao atravessarem ambas a casa de jantar, cairam aterradas cada uma sobre a sua cadeira. O conselheiro já se achava á mesa, em face da sua irmã, atacando magistralmente uma costelleta.

Ao vêr entrar as creadas, o bom homem perguntou:

—Branca?

As creadas desataram a soluçar.

O conselheiro, diante d'esta crise interna, deixou cair a costelleta no prato e olhou embasbacado.

Redobraram os soluços.

A beata, perguntou então, com a sua voz acre:

—Meu Deus, que succedeu?

—A menina... a menina... balbuciou a mais animosa das creadas...

—Vamos, acabem! bradou o conselheiro, tremulo, com um presentimento de desgraça.

—A menina... fugiu!

Imagina-se facilmente a balburdia, o espanto, a descarga de epithetos que o conselheiro, enraivecido de dor e colera ao mesmo tempo, seria capaz de deitar pela bocca fóra. «Que antes a queria com as pernas quebradas na cama, a sua ingrata filha, que lhe custou rios de dinheiro e um milhão de cuidados.» E voltando-se para a mana: «Que ella é que tinha a culpa, porque andava pelas egrejas e pelos coutos do beaterio, em vez de vigiar e dirigir a educação da sobrinha.» E aspero, para as creadas: «Umas velhas idiotas, que já deviam estar ha muito no asylo da Mendicidade.»

Depois de gritar sem limites e sem resultado, o conselheiro correu á policia, mas perguntaram-lhe por uma cousa que elle se tinha esquecido de indagar—se sabia ou desconfiava ao menos com quem sua filha tinha fugido.

O pobre homem, todo entregue á santa politica, nada sabia.

Foram postos em campo os mais habeis agentes, que se dirigiram em primeiro logar á visinhança, descobrindo logo o namoro de Branca com Leonardo; mas, mais nada. Todos caiam das nuvens quando ouviam dizer que ella tinha fugido com o pedreiro. Nunca a moralidade da rua da Alegria havia levado tão tremendo abalo. Procurado o mestre das obras, elle apenas soube dizer que Leonardo não era de Lisboa, mas ignorava de que terra fosse; os companheiros que se poderam encontrar, não pareciam mais adiantados. A policia, convencida de que o rapaz era do continente, poz-se a telegraphar para todos os administradores de concelho e commissarios concomitantes. Ao parar dos comboios nas diversas estações, eram vexados sem ceremonia todos os recrutas que viajavam na companhia de mulheres, para se averiguar se eram filhas de conselheiros; dando isto logar a que, recrutas boçaes e humildes, que nunca tinham passado de amores de escada abaixo, adquirissem repentinamente, aos olhos dos aldeãos, a reputação de conquistadores dos corações das finas patricias lisboetas.

Ninguem, porém, se lembrou das ilhas, esses tantos paraizos terrestres, para onde podem fugir muito descançadinhos todos os namorados de Portugal e Algarves, que se tenham compenetrado da necessidade do—amor e uma cabana...

E' que tudo pode passar pela cabeça da policia, menos que haja no reino um par de namorados fugitivos, que se atreva a transpor o mar.

*

Decorreram nove mezes sobre o dia em que Branca perdeu a candidez do seu nome. Estamos na cidade do Funchal, n'uma casa terrea, pobrissima e de humilde apparencia! Um rancho de mulheres chorando, rodeiam uma outra, que offerece o seio a uma creança recemnascida. N'um canto do vasto quarto terreo, horrivelmente pobre e de paredes nuas, um homem muito novo ainda, com os olhos encovados pelas vigilias, com a voz entrecortada pelos soluços com as faces banhadas pelas lagrimas, acceita distrahidamente, as consolações da amizade de outros homens tão pobremente vestidos como elle. Subitamente ouve-se bater á porta da rua com violencia. Todos levantam a cabeça. Alguem resolve-se a abrir. Uma onda de gente invade sem ceremonia a casa. São officiaes de diligencia, o juiz, o delegado, o administrador do concelho, escrivães, e um sujeito gordo, em trage de viagem, com modos sacudidos, de olhos esgazeados para todos os lados, e que é, nada mais e nada menos, do que o conselheiro Carreira, a quem Branca havia escripto, participando-lhe que ia ser mãe e pedindo-lhe o seu perdão e a sua benção, como presente de noivado para o dia do seu casamento com Leonardo.

CAPELLA DE CARLOS ALBERTO, NO PORTO

O juiz, no meio de um silencio geral, pergunta com voz grave:

—E' aqui que mora Leonardo Pereira?

—Sim senhor, responderam logo, vinte vozes a um tempo.

—E aonde está elle?

Vinte dedos apontam para o canto onde soluça, a sós com a sua dôr profunda, o homem novo, de olhos encovados.

O juiz caminha direito a elle e pergunta-lhe:

—E' você que se chama Leonardo Pereira, pedreiro, que veiu de Lisboa ha nove mezes, trazendo na sua companhia uma menina chamada Branca?

O pobre Leonardo ergue a cabeça e encara o juiz, admirado, murmurando um «sim senhor».

—Está preso! responde o homem da lei, com aspereza.

Leonardo limita-se a encolher os hombros.

—Ainda não é tudo, torna o juiz; antes de partir para a cadeia, tem que entregar a ex.ma sr.a D. Branca ao sr. conselheiro Carreira, que se acha presente.

Ouvindo isto, um estremecimento galvanico de indignação percorre o corpo do operario; seccam-se-lhe repentinamente os olhos onde lampeja a febre; ergue a sua bella cabeça; levanta-se direito e firme, em toda a sua desempenada estatura; mede com um olhar de desafio o conselheiro, agarra-o por uma mão e arrasta-o para o quarto immediato, exclamando com uma explosão de dôr e odio:

—Venha buscal-a!

Todos seguem aquelles dois homens, com curiosidade e inquietação, farejando um drama.

Apenas entrado no quarto immediato, Leonardo, arrastando sempre o conselheiro, approxima-se de uma larga cama de casal, arranca com mão febril o lençol que a cobre, e patenteia aos olhos espantados da gente da justiça, o cadaver de Branca.

Um facto tão inesperado e tão dramatico faz recuar todos; ouve-se um grito rouco, e em seguida o báque de um corpo pesado no chão. Era o conselheiro, que caía com uma apoplexia fulminante.

No dia seguinte, dois caixões, em vez de um, desappareciam para sempre no cemiterio do Funchal.

José Maria da Costa.

**Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa**



Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa